

Ingrid Gomes da Silva

Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (PROPGEO/UECE), com vínculo de bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
ingrid_gomes10@outlook.com

Luiz Cruz Lima

Professor emérito e professor titular da Universidade Estadual do Ceará (UECE), docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE
l.cruzlima@uol.com.br

O método hermenêutico ontofenomenológico crítico: dois (quem sabe três) corpos não habitam o mesmo espaço?

Resumo

O presente artigo propõe o método hermenêutico-ontofenomenológico crítico, situando-o como dimensão relacional, vivida e carregada de sentidos. Partindo do questionamento sobre a máxima “dois corpos não habitam o mesmo espaço”, busca-se problematizar a coexistência material, simbólica e social de corpos distintos, considerando implicações físicas, ontológicas e políticas. O objetivo central é analisar como a espacialidade se constitui como campo de presença, tensão e produção de sentidos, evidenciando as interações entre corpo, memória, tempo e significação. A metodologia adotada combina fenomenologia, hermenêutica e análise crítica, articulando observação reflexiva, interpretação e problematização das práticas espaciais, em diálogo com autores como Heidegger, Merleau-Ponty, Lefebvre, Massey e Santos. Os resultados indicam que o espaço não se reduz a um contêiner físico ou geométrico, mas emerge como trama dinâmica de relações, onde presenças, ausências, conflitos e projeções coexistem, permitindo múltiplas experiências simultâneas e sobreposições simbólicas. Conclui-se que habitar o espaço implica mais do que ocupar: é tramar sentidos, negociar tensões e reconhecer a densidade ontológica da existência, compreendendo o espaço como palco vivo de interações, memória e temporalidade. Assim, a geograficidade se revela como prática filosófica capaz de apreender a complexidade relacional e experiencial dos fenômenos espaciais.

Palavras-chave: Ontologia, Espaço, Tempo, Fenomenologia.

Abstract

THE CRITICAL ONTO-PHENOMENOLOGICAL HERMENEUTIC METHOD: TWO (PERHAPS THREE) BODIES DO NOT INHABIT THE SAME SPACE?

This article proposes a hermeneutic-ontophenomenological critical approach, situating it as a relational, lived, and meaning-laden dimension. Building on the question “two bodies cannot inhabit the same space,” it seeks to problematize the material, symbolic, and social coexistence of distinct bodies, considering physical, ontological, and political implications. The main objective is to analyze how spatiality constitutes a field of presence, tension, and meaning-making, highlighting interactions among body, memory, time, and signification. The methodology combines phenomenology, hermeneutics, and critical analysis, articulating reflective observation, interpretation, and problematization of spatial practices, in dialogue with authors such as Heidegger, Merleau-Ponty, Lefebvre, Massey, and Santos. The results indicate that space is not merely a physical or geometric container, but emerges as a dynamic network of relations, where presences, absences, conflicts, and projections coexist, allowing multiple simultaneous experiences and symbolic overlaps. It is concluded that inhabiting space goes beyond mere occupation: it involves weaving meanings, negotiating tensions, and recognizing the ontological density of existence, understanding space as a living stage of interactions, memory, and temporality. Thus, geografixity reveals itself as a philosophical practice capable of apprehending the relational and experiential complexity of spatial phenomena.

Key-words: Ontology, Space, Time, Phenomenology.

1. Introdução

A Geografia, enquanto ciência atenta às múltiplas dimensões do espaço, tem se visto cada vez mais convocada a dialogar com perspectivas filosóficas que ultrapassam a mera descrição empírica do território. Entre essas perspectivas, a hermenêutica ontofenomenológica crítica apresenta-se como um método capaz de tensionar os fundamentos da espacialidade, colocando em evidência não apenas as formas e funções que organizam o espaço geográfico, mas, sobretudo, a experiência vivida, a corporeidade e os sentidos da presença. Nesse horizonte, a máxima aparentemente evidente – **“dois corpos não habitam o mesmo espaço”** – revela-se como um enunciado a ser problematizado, pois encerra implicações físicas, ontológicas, sociais e políticas.

A interrogação não se reduz a uma questão de mecânica clássica, segundo a qual a matéria não pode se sobrepor a outra matéria. Trata-se, antes, de perguntar como os corpos – entendidos como existências,

subjetividades, práticas e presenças – se relacionam no espaço geográfico. Habitar, nesse sentido, não significa apenas ocupar um ponto físico, mas também instaurar modos de ser e coexistir.

Para Heidegger (2001), habitar é a forma originária de ser-no-mundo, um modo de instaurar presença. Merleau-Ponty (1999), por sua vez, enfatiza a corporeidade como dimensão fundamental da experiência espacial, na qual o corpo não é objeto entre objetos, mas condição de possibilidade de toda espacialização. Já Lefebvre (2013) chama atenção para a produção social do espaço, evidenciando que este se constitui sempre como campo de práticas, representações e disputas.

A hermenêutica ontofenomenológica crítica, ao interpretar as condições da presença no espaço, permite compreender como as espacialidades se constituem pela simultaneidade de corpos que, embora distintos, podem interpenetrar-se, sobrepor-se ou até mesmo excluir-se mutuamente, tanto no plano material quanto no simbólico. Nesse sentido, pensar o espaço geográfico implica também problematizar relações de poder, visibilidade e exclusão, como ressaltam Santos (2006), ao destacar o espaço como totalidade em movimento, e Massey (2008), ao propor a concepção relacional e múltipla do espaço.

Essa problemática se torna ainda mais pertinente no contexto contemporâneo, marcado por intensas transformações urbanas, fluxos migratórios, conflitos territoriais e reconfigurações tecnológicas que multiplicam as formas de presença. Em tais cenários, a ideia de que dois corpos não podem habitar o mesmo espaço perde seu caráter absoluto e se torna ponto de partida para pensar novas ontologias espaciais. O que significa compartilhar um mesmo espaço? Em que medida a coexistência espacial implica reconhecimento mútuo ou, ao contrário, exclusão e invisibilização?

Partindo dessas questões, este artigo propõe refletir, a partir do método hermenêutico ontofenomenológico crítico, sobre a experiência do espaço como campo de encontro, tensão e produção de sentidos. O objetivo é problematizar a relação entre corpo e espaço, não apenas como dado físico, mas como processo ontológico e geográfico, no qual a espacialidade se revela como trama de presença, ausência e conflito.

Nesse entrelaçamento de presenças, o espaço se transforma em palco de existência compartilhada e tensionada, onde cada corpo é ao

mesmo tempo ator e cenário, impregnando o mundo com sua história, sua memória e suas intenções. Habitar não é apenas ocupar, mas tramar sentidos no tecido do tempo, fazer-se atravessar por camadas de experiências passadas, antecipações futuras e ritmos do presente que se impõem e se entrecruzam.

Dois corpos podem tocar o mesmo chão e, ainda assim, viver mundos distintos, podem cruzar olhares e nunca se reconhecer; podem se sobrepor e gerar novas configurações de presença e ausência. É nesse jogo de encontros e desencontros que o espaço se revela como entidade viva e fluida, não apenas cenário de conflitos ou harmonia, mas tecido de significações e relações, no qual a ontologia do ser se manifesta e a experiência do tempo se inscreve como densidade vivida.

2. Quando o método sussurra ao espaço: labirintos da ontofenomenologia

Antes de qualquer análise, antes mesmo de levantar hipóteses ou delinear problemas, repousa uma questão inquietante: como nos posicionamos diante do mundo que queremos compreender? Cada gesto de observação, cada tentativa de apreender o fenômeno carregam em si escolhas silenciosas, pressupostos invisíveis e limites que moldam o que será visto e o que permanecerá oculto.

O método, nesse sentido, não é mera ferramenta, mas lente que filtra, articula e tensiona a experiência, revelando que toda investigação é simultaneamente ato de criação e de interpretação. Ignorar essa dimensão é caminhar às cegas, aceitar o visível como absoluto e esquecer que a realidade se apresenta sempre velada, multifacetada e atravessada por horizontes que escapam à apreensão imediata.

É um equívoco, constatado em diversas tradições científicas e filosóficas, que tão poucas reflexões sejam dedicadas ao tema do método, quando este constitui, em qualquer investigação, o alicerce da própria compreensão do mundo. O método não se reduz a um conjunto de técnicas ou procedimentos, ele é, antes, uma postura epistemológica, ética e reflexiva, que orienta a relação do (a) pesquisador (a) com o objeto de

análise. Trata-se de um convite a dialogar continuamente com a realidade, aproximando-se e distanciando-se do fenômeno, ao mesmo tempo em que permite interpretar, problematizar e atribuir sentido às experiências observadas. Nesse sentido, pensar o método é pensar a própria constituição do conhecimento e as condições de possibilidade da investigação científica.

Embora a consolidação do método científico seja frequentemente associada a Descartes, sua gênese remonta a pensadores anteriores, como Roger Bacon e Francis Bacon. Esse percurso histórico começou a ganhar forma sobretudo a partir do Renascimento, no século XII, após um longo período de relativa estagnação científica durante a Idade Média (DESCARTES, 2006). O método, nesse sentido, não deve ser compreendido como um conjunto rígido de procedimentos lógicos, mas como uma postura filosófica, social, ética e científica. Mais do que uma técnica, o método constitui um diálogo permanente com a realidade, um exercício de interpretação e um modo de habitar a investigação.

O método advém de um pensamento racional e parte da observação, da experiência, do teste, há base hipotética e da interpretação de resultados, mas não é um procedimento lógico, rígido. Antes de tudo, método é uma postura filosófica, social, ética e científica. Método é um convite a um diálogo contínuo com a realidade, um deleite, em relação ao conhecimento e à investigação.

Nesse percurso, o método deixa de ser apenas instrumento e se transforma em parceiro da reflexão, em interlocutor silencioso que nos desafia a perceber o mundo em suas camadas mais sutis. Cada fenômeno observado se revela como eco de experiências múltiplas, atravessado por memórias, intenções e temporalidades que escapam à apreensão imediata. O sujeito pesquisante, então, não é apenas alguém que registra dados, mas corpo que se inscreve no espaço do fenômeno, respirando seus ritmos, sentindo suas tensões e participando de sua constituição. Habitar essa posição implica reconhecer que o conhecimento não é algo que se possui, mas algo que se co-produz com aquilo que se investiga, em um movimento contínuo de aproximação e distanciamento, de envolvimento e crítica.

Diante da pluralidade de métodos que se apresentam no campo científico, esta investigação se debruça sobre o método fenomenológico, atravessado ora pelas bases da ontofenomenologia crítica, ora pela hermenêutica, em sua imbricação de compreender e interpretar o sentido da experiência.

Tal abordagem permite situar uma relação dialógica com o fenômeno, aproximando-se para revelar a vivência e se distanciando para problematizar os significados que emergem da existência. O método fenomenológico, nesse sentido, não se restringe à descrição de fatos, mas se configura como um instrumento para captar a densidade ontológica das experiências, articulando presença, corporeidade, tempo e espaço, e possibilitando a análise crítica das formas pelas quais os corpos se relacionam com seu entorno e consigo mesmos.

O método fenomenológico, fundamentado nas ideias de Heidegger (2001), se apresenta como alternativa frutífera para refletir sobre questões que ressoam com as propostas da analítica da existência. Essa abordagem concentra-se na experiência vivida, enfatizando a dimensão existencial e buscando compreender, de forma profunda, os significados que os sujeitos e os processos revelam em sua condição de seres-no-mundo. Ao privilegiar a experiência direta, a fenomenologia permite captar a densidade ontológica das situações, tornando visível o entrelaçamento de espaço, tempo e corporeidade que caracteriza a existência.

A ontofenomenologia crítica, ao lado da hermenêutica, revela que cada experiência é simultaneamente singular e relacional. O espaço e o tempo não são simplesmente cenários ou medições, mas tramas vivas que sustentam a existência, entrelaçando presença, memória e expectativa. Cada gesto, cada encontro, cada afastamento inscreve-se em uma rede invisível de sentidos que nos desafia a interpretar, a escutar os silêncios e a decifrar as sombras do sentido. Assim, investigar é, antes de tudo, mergulhar nas intermitências do mundo, perceber os interstícios onde se escondem os significados mais densos e reconhecer que a compreensão plena é sempre horizonte, nunca destino final.

A imbricação de fenomenologia, hermenêutica e crítica se torna uma dança entre o visível e o invisível, entre aquilo que se apresenta e aquilo que se intui, entre o instante vivido e a memória que o atravessa. O método, nesse contexto, não prescreve respostas, mas abre caminhos de atenção e escuta, instiga a inquietação filosófica e conduz o (a) pesquisador (a) por labirintos de sentido nos quais a realidade se revela em suas múltiplas dimensões. É nesse entrelaçamento que se descobre que conhecer é, simultaneamente, experienciar, interpretar e transformar a própria compreensão do mundo.

Somado a isso, a investigação incorpora elementos interpretativos e ideológicos, sustentando-se na hermenêutica filosófica de Gadamer, que enfatiza o papel do diálogo, da tradição e da historicidade na construção do sentido. Acresce-se a essa perspectiva a dialética crítica das ideologias, de matriz marxista, que possibilita identificar relações de poder, desigualdades e estruturas de dominação que atravessam os contextos estudados. Particular atenção é dedicada à hermenêutica crítica de Ricoeur, que articula interpretação e crítica, fornecendo ferramentas para analisar como os sentidos são construídos, contestados e reconfigurados nas práticas sociais e nos discursos.

Essa combinação metodológica permite que o (a) pesquisador (a) se movimente entre a aproximação empática à experiência vivida e o distanciamento crítico, articulando compreensão fenomenológica e análise hermenêutica crítica. Em outras palavras, trata-se de um método imbricado, capaz de apreender não apenas os fenômenos tal como se apresentam à consciência, mas também as estruturas, ideologias e os sentidos que lhes conferem profundidade, proporcionando uma reflexão que é ao mesmo tempo existencial, social e ética.

Enquanto categorias fundamentais da filosofia moderna – a hermenêutica e a dialética – unificam as concepções que se discute nesse presente ensaio. A hermenêutica fornece o contexto interpretativo, enquanto a dialética oferece uma estrutura para analisar as mudanças e contradições que caracterizam o pensamento e conhecimentos (ALCANTARA; PAIVA; BRITO, 2018).

A hermenêutica, inicialmente concebida como uma prática voltada à interpretação de textos, especialmente textos sagrados e jurídicos, expandiu-se ao longo dos séculos para se tornar uma abordagem abrangente destinada a compreender a condição humana em suas múltiplas dimensões. Friedrich Schleiermacher (1768-1834) é considerado um dos pioneiros da hermenêutica moderna, defendendo a necessidade de interpretar tanto a linguagem quanto a psicologia do autor, buscando compreender o sentido a partir da totalidade do texto e do contexto individual. Wilhelm Dilthey (1833-1911) ampliou essa perspectiva, propondo que a hermenêutica deveria se aplicar às ciências humanas, como história, sociologia e filosofia, enfatizando a historicidade da experiência e a centralidade do entendimento empático das ações humanas (DILTHEY, 2002).

Mais adiante, Hans-Georg Gadamer consolidou a hermenêutica filosófica, na qual argumenta que a compreensão é sempre mediada pelo horizonte histórico e cultural do intérprete, sendo impossível separar o sujeito do contexto em que se encontra. Para Gadamer (2015), o sentido não é fixo, mas emerge de um diálogo contínuo entre o intérprete e o fenômeno, reconhecendo que toda interpretação é um encontro entre horizontes de compreensão distintos, marcado por concepções e tradições.

A escolha da hermenêutica para esta investigação enfatiza justamente essa dimensão: compreender que o significado dos fenômenos, das experiências e das práticas humanas é sempre situado, condicionado pela história, pela cultura e pela subjetividade dos sujeitos envolvidos. Assim, a hermenêutica não se limita a decifrar textos ou fenômenos isolados, mas oferece uma metodologia que articula compreensão, interpretação e reflexão crítica sobre a condição humana em seu contexto existencial e social.

Assim, a hermenêutica se apresenta como o instrumento que permite decifrar essas tramas de sentido. Inspirada em Gadamer e Ricoeur, ela mostra que interpretar é mergulhar nas ressonâncias invisíveis do espaço e do tempo, reconhecer a historicidade do fenômeno e acolher a multiplicidade de horizontes que o atravessam. A interpretação não é neutra; é ato existencial, um gesto que faz do (a) pesquisador (a) um (a) participante na própria constituição do significado, permitindo que o espaço se revele como palimpsesto de experiências, onde o vivido, o lembrado e o projetado coexistem em camadas interdependentes.

Por outro lado, a dialética constitui uma abordagem filosófica que se concentra na lógica do desenvolvimento do pensamento e na análise das contradições que permeiam a realidade. Suas origens remontam aos filósofos pré-socráticos, que já buscavam compreender o mundo a partir do confronto de opostos e da tensão entre elementos contrastantes.

A dialética ganhou sistematização e profundidade com Hegel, cuja concepção enfatiza que a realidade e o pensamento se desenvolvem por meio de processos de tese, antítese e síntese, nos quais as contradições internas impulsionam a transformação e a evolução do conhecimento. Karl Marx retomou e reelaborou essa lógica, aplicando-a à análise da sociedade e das relações de poder, evidenciando que as contradições materiais e sociais são motores de mudança histórica e que a crítica das

estruturas de dominação é inseparável da compreensão do desenvolvimento social.

Logo, evidencia a tensão produtiva entre os opostos que estruturam a realidade: corpo e espaço, passado e futuro, memória e expectativa. Hegel e Marx nos lembram que é no confronto das contradições que emergem sínteses e transformações, aplicado à geografia, isso significa perceber que o espaço e o tempo são continuamente reconfigurados pelas interações humanas, sociais e simbólicas, tornando cada fenômeno um processo dinâmico e relacional, sempre aberto à revisão e à reconstrução de sentidos.

Nesse contexto, Paul Ricoeur propõe uma hermenêutica crítica que articula interpretação e análise das ideologias, defendendo que a hermenêutica e a crítica social não se fundem, mas se reconhecem mutuamente como práticas legítimas e complementares (FORNÄS, 2013). Para Ricoeur, interpretar um fenômeno ou texto envolve sempre um exercício de distância crítica, no qual se compreendem os sentidos produzidos pelos sujeitos, ao mesmo tempo em que se identificam as estruturas ideológicas e as relações de poder que atravessam essas interpretações. Essa perspectiva permite que o pesquisador se movimente entre empatia e análise crítica, promovendo uma compreensão mais profunda dos fenômenos, capaz de revelar tanto os significados existenciais quanto os condicionamentos sociais e históricos que os moldam.

Assim, a combinação da dialética com a hermenêutica crítica oferece um arcabouço teórico-metodológico robusto para investigar as experiências e os processos sociais, permitindo apreender a realidade em sua complexidade, tensionando a relação entre contradição, interpretação e transformação.

Encarar a hermenêutica crítica não apenas como um método de pesquisa interpretativa (PRASAD, 2002), mas como uma abordagem epistemo-metodológica, implica reconhecer sua potência para oferecer conceitos capazes de fundamentar a interpretação e a crítica de textos, práticas e fenômenos sociais. Para Ricoeur (1990, p. 17), “a hermenêutica é a teoria das operações da compreensão”¹, o que evidencia que, ao mesmo tempo em que é crítica, abre caminhos para múltiplas observações e leituras, permitindo apreender a complexidade das experiências humanas e das estruturas ideológicas que as atravessam.

A tríade Hermenêutica-Fenomenologia-Crítica configura-se, nesse contexto, como um instrumento teórico-filosófico para o debate dos fenômenos, oferecendo diferentes linhas de interpretação sobre o tempo e a existência. Essa articulação possibilita uma fusão de horizontes transcendentais, na qual o sentido do ser se manifesta através da experiência vivida, da interpretação crítica e da análise das condições históricas, sociais e culturais. Por meio dessa tríade, é possível perceber a temporalidade não apenas como sucessão de instantes mensuráveis, mas como dimensão existencial que dá forma à vida, aos sentidos e à presença dos corpos no mundo. Assim, a experiência do tempo e do espaço se revela como um campo dinâmico e relacional, no qual a compreensão do ser se constrói na interseção entre experiência, interpretação e crítica.

Heidegger (2008, p. 78) afirma que “ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas distintas da filosofia ao lado de outras. (...) A filosofia é uma ontologia fenomenológica e universal que parte da hermenêutica da presença [Dasein], a qual, enquanto analítica da existência” e sem relativismo, ontologicamente, só é possível com a base fenomenológica.

Nesse fio delicado que conecta experiência e interpretação, o espaço da investigação se expande como um território inexplorado, repleto de interstícios onde se escondem ecos de significados ainda não nomeados. Cada gesto de análise se assemelha a caminhar por um labirinto de luz e sombra, no qual o visível se entrelaça ao oculto, e o pesquisador se vê simultaneamente arquivista, intérprete e coautor da própria realidade. Habitar esse espaço é aceitar a inquietação como companhia, perceber que cada resposta abre novas perguntas, e reconhecer que o mundo não se entrega plenamente, mas se oferece em fragmentos pulsantes de sentido, convidando à contemplação e à ousadia filosófica.

3. A trama do mundo entre o pulso do espaço e o fluxo do tempo

Antes de mapear ou medir, o olhar precisa mergulhar na tessitura viva do mundo, perceber que cada espaço é mais do que extensão e cada instante mais do que duração. O espaço se inscreve em camadas invisíveis de memória, desejo e conflito, o tempo pulsa em ritmos que

não se deixam apreender apenas por relógios ou calendários. Habitar o mundo é atravessar essas tramas, sentir o peso das ausências e a presença de múltiplas histórias, reconhecer que cada corpo que se move carrega consigo mundos inteiros, ao mesmo tempo que é atravessado por forças, significados e tensões que o excedem. Assim, compreender o fenômeno geográfico exige uma escuta sensível e um pensar atento. Aqui interpretar se confunde com experienciar, e o visível se entrelaça com o invisível.

No campo da Geografia, compreender o que está sendo dito sobre os fenômenos espaciais e temporais requer mais do que observação ou descrição empírica, exige uma reflexão filosófica sobre como o espaço e o tempo se constituem na experiência humana. A aplicação da tríade Hermenêutica-Fenomenologia-Crítica permite problematizar o espaço não apenas como dado físico ou geométrico, mas como campo de presença, percepção e significação, onde os corpos interagem, se tensionam e se constituem mutuamente.

A fenomenologia, inspirada em Heidegger (2001) e Merleau-Ponty (1999), propicia compreender o espaço como vivido, ou seja, como experiência ontológica do ser-no-mundo, na qual cada presença imprime ritmos, durações e sentidos singulares. A hermenêutica crítica, por sua vez, possibilita interpretar os significados do espaço e do tempo à luz das condições históricas, culturais e ideológicas que moldam a vida social. Gadamer (2015) e Ricoeur (1990) nos lembram que compreender é sempre dialogar com a tradição, com o contexto e com perspectivas múltiplas, tornando visível que a espacialidade não é neutra: ela é atravessada por relações de poder, práticas sociais e estruturas simbólicas. A dialética crítica, a partir de Hegel e Marx, amplia ainda mais essa compreensão, mostrando que o espaço e o tempo não são contínuos homogêneos, mas sim produtos de contradições, tensões e conflitos, que geram transformação e produção de sentido.

Autores como Lefebvre (2013) e Massey (2005; 2008) reforçam essa perspectiva, evidenciando que o espaço é socialmente produzido, temporalizado e atravessado por múltiplas relações, visíveis e invisíveis, de poder, identidade e experiência. Lefebvre, em especial, destaca que a espacialidade é inseparável da temporalidade: a forma como ocupamos, atravessamos e nos apropriamos os/dos lugares é sempre marcada por processos históricos, culturais e sociais. Massey complementa, propondo

uma visão relacional e dinâmica do espaço, onde múltiplos tempos coexistem, se sobrepõem e entram em diálogo, configurando espacialidades heterogêneas e em constante produção.

Pensar a Geografia a partir desse enquadramento filosófico significa perceber que espaço e tempo não são meros contêineres de eventos, mas dimensões relacionalmente constituídas pelo existir, pelo perceber e pelo interpretar. Cada lugar é temporalizado pelo corpo e socializado pelo significado, e cada instante é simultaneamente vivido, interpretado e problematizado. A tríade Hermenêutica-Fenomenologia-Crítica, apoiada nas contribuições de Heidegger, Merleau-Ponty, Gadamer, Ricoeur, Hegel, Marx, Lefebvre e Massey, oferece ferramentas para captar a densidade ontológica da geograficidade, permitindo compreender os fenômenos espaciais como processos vivos, imbricados de tempo, presença e sentido, e não apenas como objetos de mensuração ou análise descontextualizada.

No âmago desta reflexão, estabelece-se uma verdadeira guerrilha epistemológica, cujo objetivo é questionar a objetividade e a neutralidade frequentemente reivindicadas pelos saberes dominantes, evidenciando que todo conhecimento é atravessado por contextos históricos, sociais e políticos. Parte-se, ainda, da crítica às hierarquias conceituais entre espaço e tempo, adotando um pluralismo epistemológico que visa a democratizar o acesso ao conhecimento e abrir caminhos para múltiplas interpretações da realidade.

Nesse campo de tensões, o conhecimento se revela como tecido vivo, costurado por fios de experiência, memória e perspectiva. Cada teoria, cada método é como um corpo que atravessa o espaço do pensamento, deixando rastros que se entrelaçam, se chocam ou se harmonizam. Esse território epistemológico permite assim caminhar por labirintos de sentido, onde não há certezas absolutas, mas aberturas que convidam à inquietação e à interpretação. O espaço e o tempo, então, não são apenas dimensões mensuráveis, tornam-se palco de encontros e desencontros, de presenças múltiplas que se sobrepõem, se tensionam e produzem significados em constante transformação.

Kuhn (2018), ao discutir os paradigmas da ciência normal, indica a necessidade de rompimentos criativos para o surgimento de novas teorias; nesse mesmo sentido, Feyerabend (2011) defende o pluralismo metodológico, contestando a ideia de uma única abordagem científica

válida e fortalecendo a legitimidade de vozes diversas na produção do conhecimento. Guimarães (2021), ao retomar essa tradição, sugere que métodos unificados não podem sufocar a diversidade epistemológica, destacando a importância de posturas filosóficas e científicas que abracem a complexidade das bases de análise.

No âmbito da ontologia, a reflexão concentra-se no estudo do ser e da existência, enquanto a fenomenologia busca apreender a experiência vivida, a percepção do mundo e os modos como os sujeitos habitam o espaço. O enfoque crítico, por sua vez, confronta abordagens reducionistas que tratam o espaço apenas como recurso ou superfície, promovendo uma análise que considere relações de poder, memória e temporalidade. Quando associada à hermenêutica, a temporalidade não se reduz a uma sequência objetiva de instantes: ela se revela como construção cultural e subjetiva, influenciando a experiência humana e articulando memória, duração e sentido.

É nesse contexto que a ideia de que os corpos habitam o mesmo espaço se torna central para a compreensão da tríade Hermenêutica-Fenomenologia-Crítica. Assim como dois corpos podem coexistir ou se desviar no espaço, o (a) pesquisador (a) navega entre aproximação e distanciamento em relação aos fenômenos, interpretando-os de múltiplas perspectivas e identificando tensões, sobreposições e singularidades. A geograficidade, nesse sentido, emerge como condição ontológica da existência: a Terra não é apenas um lugar físico, mas o palco de experiências, memórias e temporalidades, onde o espaço se materializa e se inscreve na vida dos corpos, atravessado por causalidades, construções culturais e mistérios que vão do terrestre ao cósmico (GUIMARÃES, 2021, p. 629).

Dessa forma, a tríade Hermenêutica-Fenomenologia-Crítica oferece uma base integradora e reflexiva, permitindo compreender espaço e tempo não como dados neutros, mas como dimensões relacionais e existenciais, nas quais os sentidos da presença, da memória e do vir-a-ser se entrelaçam. Habitar o espaço, portanto, é simultaneamente vivenciar, interpretar e problematizar, tornando a investigação geográfica uma prática filosófica que capta a densidade ontológica dos fenômenos, reconhecendo a multiplicidade de vozes e temporalidades que constituem a experiência humana.

Em suma, é a partir da observação da tríade evidenciada que se compreende que o tempo não se constitui como uma entidade isolada, mas

está intrinsecamente relacionado às práticas e experiências humanas. É importante desse modo entender a complexidade da experiência temporal, enfatizando a interconexão entre o ser humano e o tempo.

Juntos, o método, o tempo e o espaço formam uma trindade interdependente, na qual o método fornece a direção, o tempo adiciona a dinâmica e o espaço oferece o contexto. Assim, na intersecção entre método, tempo e espaço, o conhecimento se desdobra como uma trilha única, onde cada descoberta é uma nova ramificação do caminho, e cada escolha metodológica é influenciada pela corrente do tempo e pela Geografia do espaço.

A reflexão sobre espaço e tempo na Geografia contemporânea exige um olhar que ultrapasse a mera mensuração física, concentrando-se na experiência vivida, na interpretação crítica e na densidade ontológica dos fenômenos. A hermenêutica, como proposta filosófica de Gadamer (2015) e Ricoeur (1990), permite compreender que o significado dos lugares e das temporalidades não é fixo, mas emerge da interação entre intérprete e contexto histórico-cultural, em uma fusão de horizontes que articula passado, presente e expectativas futuras. Assim, a interpretação se torna uma prática reflexiva que revela modos múltiplos de presença e ausência, aproximação e distanciamento, configurando o espaço como experiência existencial.

A dialética, retomando os desdobramentos de Hegel e Marx, complementa essa perspectiva ao evidenciar que espaço e tempo são atravessados por contradições produtivas, tensões e conflitos que geram transformação. No espaço, essas contradições se manifestam nas relações entre corpos, práticas sociais e significados simbólicos; no tempo, emergem nas sucessões, rupturas e reconstruções históricas. A dialética permite, assim, compreender os fenômenos como processos dinâmicos, em constante produção e reinterpretação, articulando materialidade, memória e historicidade.

A ontologia do espaço e do tempo, inspirada em Heidegger (2001) e Merleau-Ponty (1999), reforça que essas dimensões não são meros contêineres de eventos, mas condições de existência do ser-no-mundo, impregnadas de sentidos, afetos e experiências corporais. O tempo deixa de ser cronologia linear e transforma-se em duração vivida, marcada pela memória, pelo projeto e pela expectativa; o espaço, por sua vez, torna-se campo de presença, ação e significação, onde cada corpo deixa rastros de sua existência.

Nesse quadro, a tríade Hermenêutica-Fenomenologia-Crítica manifesta-se através da metáfora dos corpos que habitam o mesmo espaço, como uma dramatização epistemológica das tensões entre presença e ausência, proximidade e afastamento, coincidência e divergência. Os corpos coexistem, se cruzam, se evitam ou se sobrepõem, não apenas como entidades físicas, mas como índices de temporalidades divergentes, de experiências subjetivas e de mundos de significação que se encontram em constante negociação. Analogamente, as perspectivas epistemológicas interagem como forças que se confrontam, se transmutam e se realinham, evidenciando que a construção do conhecimento é uma prática dialógica e provisória, marcada pela contingência histórica e pelo entrelaçamento de sentidos múltiplos.

Habitar o espaço, nesse sentido, não é apenas ocupar uma extensão mensurável, mas tornar-se atravessado por ele, imbricado em redes de relações, memórias e temporalidades que simultaneamente estruturam e são estruturadas pelo corpo existente. O tempo, longe de se reduzir à cronologia ou à sucessão linear de instantes, atua como tessitura ontológica, conferindo densidade, espessura e ressonância à experiência vivida, permitindo que passado, presente e futuro se inscrevam na percepção e no agir.

A Geografia, a partir dessa lente, deixa de ser vista como uma ciência descritiva e se revela como um campo de investigação filosófica sobre a co-constituição de espaço, tempo e existência, no qual a geograficidade emerge como uma condição relacional, complexa e multidimensional, em que cada fenômeno é simultaneamente material, simbólico e experiencial, e cada corpo é lócus de mediações entre mundos sobrepostos, memória e projeção futura.

Nesse horizonte, a geograficidade deixa de ser simplesmente lugar ou cenário e se transforma em tecido ontológico pulsante, no qual espaço e tempo se entrelaçam como fios inseparáveis de uma trama que sustenta a existência. Cada corpo que o habita não é apenas presença física, mas nó de experiências, lembranças e intenções futuras, irradiando e recebendo sentidos que se condensam, dilatam e transmutam. Os fenômenos, por sua vez, não se apresentam como objetos discretos, mas como formas fluídas de significação, que se inscrevem e se dissolvem nos interstícios entre memória e expectativa, entre o vivido e o imaginado.

O espaço, aqui, se revela como palimpsesto de temporalidades, onde os vestígios de presenças passadas coexistem com projeções de futuros possíveis, que em cada gesto, cada decisão, cada deslocamento corporal imprime marcas que reverberam nos fluxos da experiência. O tempo não é mera sequência, mas densidade viva, condensando camadas de percepções, escolhas e tensões existenciais que estruturam a percepção e a ação. Assim, o ser-no-mundo geográfico se constitui em uma dança contínua entre presença e ausência, entre o finito do corpo e a infinitude dos mundos atravessados; e cada instante é simultaneamente lembrança e antecipação, cada lugar é simultaneamente memória e possibilidade.

Essa perspectiva coloca a Geografia como campo de investigação metafísica, no qual compreender é navegar pelas sobreposições, pelos interstícios e pelas ressonâncias entre espaço, tempo e existência. Habitar o mundo é, portanto, habitar significados múltiplos, tensionar sentidos, ser atravessado por ritmos que escapam à linearidade e reconhecer que o próprio corpo é sempre ponte entre horizontes, um veículo de mediações entre mundos, ecos do passado e presságios do futuro.

A ontofenomenologia crítica surge, nesse cenário, como lente que permite enxergar os fenômenos não apenas como dados observáveis, mas como epifanias da existência, nas quais cada corpo, cada gesto e cada lugar é manifestação de sentidos que se desdobra em múltiplas camadas. O mundo geográfico torna-se, assim, um palco de encenações ontológicas, no qual os sujeitos e os espaços se co-constroem, se atravessam e se refletem mutuamente. Cada experiência é simultaneamente singular e relacional, impregnada de memória, expectativa e tensão crítica, como se o espaço fosse tecido com os fios entrelaçados do vivido e do imaginado, do imediato e do transcendental.

Neste enquadramento, compreender a geograficidade é habitar o mundo com consciência filosófica, perceber que espaço e tempo são dimensões relacionalmente construídas, carregadas de sentido múltiplo e intersubjetivo. O (a) pesquisador (a), ao interpretar, dialoga com camadas invisíveis de experiência e memória, tornando-se parte da própria tessitura que observa. Habitar, interpretar e problematizar tornam-se, assim, ações simultâneas, que revelam a Geografia não apenas como disciplina científica, mas como prática filosófica, capaz de apreender a profundidade

ontológica dos fenômenos, a multiplicidade de temporalidades e a densidade existencial de cada corpo e de cada espaço.

A ontofenomenologia crítica permite perceber que o espaço não se manifesta apenas como cenário, mas como campo de co-presença ontológica, onde cada corpo atua como catalisador de sentidos e tensões que atravessam dimensões materiais, simbólicas e existenciais. Cada gesto, cada deslocamento imprime no espaço marcas de intencionalidade, como se os corpos fossem simultaneamente autores e leitores de uma narrativa sempre incompleta. A experiência do espaço, então, não é estática; ela se desdobra em camadas de relação e diferença, onde o que se encontra e o que se evita se tornam índices da complexidade relacional do mundo.

O tempo, sob essa perspectiva, emerge como fluxo pluritemporal, no qual o passado não está encerrado, o futuro não é dado, e o presente se constitui como ponto de tensão entre memórias e antecipações (BERGSON, 2005). É no entrelaçamento desses tempos que a experiência ganha densidade, e que a interpretação hermenêutica se torna necessária para navegar nas ressonâncias invisíveis entre os instantes, nas lacunas que estruturam os sentidos e nas sobreposições de experiências que os corpos acumulam.

A dialética, então, ilumina a constituição desse espaço-tempo vivido como processo de mediação entre opostos, em que a contradição não é defeito, mas motor de significado. Entre a presença e a ausência, entre a materialidade e a simbologia, entre a memória e a projeção, o mundo se transforma continuamente, e cada fenômeno se revela como ponto de convergência de forças em tensão. Essa leitura permite enxergar a Geografia como campo de movimento e transformação, no qual os elementos do espaço não estão fixos, mas se configuram em relação, em disputa e em diálogo constantes.

Ao mesmo tempo, a hermenêutica fornece o instrumento filosófico para decifrar essas tramas, sugerindo que o conhecimento não é resultado de observação neutra, mas produto de engajamento e imersão nos fluxos de sentido que atravessam o espaço-tempo. Interpretar é reconhecer a densidade das ausências e a potência das presenças, captar o que ressoa entre os corpos, as histórias e os lugares, e compreender que cada instante vivenciado é plural e compartilhado, mesmo quando experienciado de maneira singular.

O pluralismo epistemológico defendido por Feyerabend (2011) e as ideias de paradigmas de Kuhn (2018) reforçam que o conhecimento não pode ser

preso a um único método ou lógica. A investigação geográfica, nesse quadro, deve abraçar múltiplas perspectivas e formas de entendimento, reconhecendo que espaço, tempo e experiência são sempre co-produzidos e reinterpretados. Cada abordagem se torna um horizonte que se cruza com outros horizontes, ampliando a densidade da compreensão sem nunca a esgotar.

O tempo, por sua vez, se apresenta como duração vivida, não linear e não homogênea, mas entrelaçada com a memória, a expectativa e os afetos que estruturam a experiência. Cada instante é simultaneamente registro e projeção, ponto de tensão entre o vivido e o imaginado, entre o corpo presente e os ecos das presenças passadas. Habitar o espaço é, portanto, habitar o tempo, reconhecendo que memória, sentido e projeção constituem a tessitura da existência, e que a Geografia, nesse contexto, se revela como campo filosófico capaz de apreender a ontologia do espaço-tempo, as relações de poder, a memória coletiva e a singularidade das experiências humanas.

Assim, a tríade Hermenêutica-Fenomenologia-Crítica, articulada com dialética e pluralismo metodológico, constitui uma práxis filosófica que permite compreender a geograficidade em toda a sua complexidade. Cada fenômeno é simultaneamente material, simbólico e experiencial; cada corpo, locus de mediações entre mundos sobrepostos, memória e projeção futura. Habitar, interpretar e problematizar tornam-se gestos inseparáveis da experiência, e o espaço-tempo se revela como trama viva de sentidos, relações e existências, na qual compreender é, ao mesmo tempo, existir, dialogar e tornar-se consciente da própria densidade ontológica do mundo.

4. Considerações finais

Refletir sobre o espaço a partir da hermenêutica ontofenomenológica crítica evidencia a necessidade de compreender a Geografia para além da descrição empírica, assumindo-a como campo de diálogo com a filosofia. Nesse sentido, estudar o método torna-se indispensável, pois é ele que fornece o caminho para tensionar conceitos, interrogar pressupostos e abrir novas possibilidades de interpretação da espacialidade.

A tríade Hermenêutica-Fenomenologia-Crítica constitui um horizonte fecundo para esse empreendimento: a fenomenologia nos aproxima da

experiência vivida e da corporeidade, a hermenêutica permite interpretar sentidos e significados inscritos no espaço, e a crítica assegura o compromisso com a problematização das relações de poder, exclusão e visibilidade que atravessam as práticas espaciais.

O objetivo, portanto, não é apenas descrever o espaço, mas interpretar a experiência de habitar, coexistir e produzir sentidos, compreendendo como presença, ausência e conflito se inscrevem na trama geográfica. Nessa direção, a filosofia oferece à Geografia instrumentos para pensar o espaço não como dado neutro, mas como dimensão ontológica e política, onde se manifestam memórias, práticas e disputas.

Ao articular espaço e tempo, a análise reconhece que cada presença é atravessada por camadas históricas, ritmos cotidianos e antecipações de futuro, revelando que a espacialidade se constitui sempre em movimento. Assim, a Geografia reafirma sua vocação de ciência comprometida com a totalidade da vida, investigando não apenas formas e funções, mas também a densidade existencial dos lugares e a complexidade das relações que os constituem.

Em síntese, a importância de estudar o método está em possibilitar uma Geografia filosófica, crítica e comprometida com a interpretação do ser-no-mundo, capaz de compreender o espaço como trama viva de experiências, tempos e sentidos em constante produção.

Pensar método, filosofia, Geografia, espaço e tempo é também aprender a ler o mundo como um tecido vivo: cada corpo é escrita e cada lugar é página em constante reescrita. Habitar é inscrever-se nesse livro infinito, onde o tempo não se encerra em linhas retas, mas se dobra em espirais de memórias e possibilidades. O espaço, então, deixa de ser apenas chão a ser medido e torna-se horizonte a ser interpretado – um tecido de presenças que se encontram e se desencontram, revelando que compreender a Geografia é, em última instância, compreender o próprio mistério de existir no mundo.

Nota

- 1 No original francês, Ricoeur (1990, p.17) afirma: *L'herméneutique est la théorie des opérations de compréhension*. A enunciação indica que a hermenêutica, mais do que um método de interpretação, constitui uma teoria da própria atividade compreensiva, isto é, das operações que tornam possível a mediação do sentido.

Referências

- ALCÂNTARA, Valderí de Castro; PAIVA, André Luiz de; BRITO, Mozar José de. Desvelando “caixas-pretas” dos textos de estratégia: uma abordagem baseada na hermenêutica crítica. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 25, n. 84, p. 30-49, 2018.
- BACON, Francis. **Novum Organum**: verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- BACON, Roger. **Opus Maius**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- DILTHEY, Wilhelm. **Introdução às ciências do espírito**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FORNÃS, Johan. The Dialectics of Communicative and Immanent Critique. tripleC: Communication, **Capitalism & Critique**, v. 11, n. 2, p. 545-556, 2013. DOI: 10.31269/triplec.v11i2.510.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- GUIMARÃES, Humberto Goulart. **A condição ontológica terrestre**: uma interpretação crítica dos fundamentos ontoepistemológicos das categorias natureza e homem no pensamento geográfico moderno. 2021. 688f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/769779?mode=full>. Acesso em: 16 ago. 2025.
- HEGEL, Georg Wilhelm F. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. 5. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017.

MASSEY, Doreen. **For Space**. London: SAGE, 2005.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PRASAD, Pushkala. The Contest Over Meaning: Hermeneutics as an Interpretive Methodology for Understanding Texts. **Organizational Research Methods**, v. 5, n. 1, p. 12-33, 2002.

RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**. Paris: Éditions du Seuil, 1990.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papyrus, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Hermenêutica**: arte e técnica da interpretação. Petrópolis: Vozes, 1999.

Recebido em 16/08/2025

Aceito em 16/10/2025

